

# O ódio, a nova ação psíquica e a progressiva complexidade narcísica

Luciane Falcão,<sup>1</sup> Porto Alegre

*A autora apresenta, de forma evolutiva e resumida, algumas ideias de Freud em relação ao sentimento de ódio e seu papel na gênese do Eu. Mostra como na teoria freudiana, primeiramente, o ódio surge relacionado à ambivalência amor-ódio em relação ao mesmo objeto. Em seguida, desenvolve os aspectos teóricos que sofreram alterações com a introdução do narcisismo, para, então, complementar com o que surge a partir da introdução da dialética de 1920, pulsão de vida e pulsão de morte. O texto pretende estabelecer uma conexão teórica entre o surgimento do ódio e a nova ação psíquica, ação que tende a complexizar o narcisismo. A autora estabelece conexões teóricas com movimentos pulsionais de destruição, resultantes do duplo retorno da pulsão de destruição, força propulsora que desestabiliza a construção de um alicerce narcísico estruturante do sujeito, abrindo as vias para o surgimento de um narcisismo destrutivo. Finalmente, apresenta uma síntese dos argumentos teóricos que permitem pensar a hipótese de que a relação do ódio e a nova ação psíquica se baseiam em elementos teóricos que irão se entrelaçar entre as duas tópicas: (a) conflito de ambivalência; (b) desamparo, narcisismo primordial e angústia primordial; (c) sensorialidade-não-ligada; (d) interrupção no ritmo presença-ausência e a periodicidade; (e) trabalho do negativo estruturante e narcisismo negativo ou mortífero; (f) ódio como marcador de uma intensidade energética destrutiva; (g) a nova ação psíquica resultado da progressiva complexidade do narcisismo; (h) ódio e Drang; (i) objeto primário revestido de ódio e a falha na estratificação narcísica.*

*Palavras-chave: ódio, narcisismo, nova ação psíquica, narcisismo destrutivo, angústia primordial, desamparo, trabalho do negativo, intensidade energética destrutiva.*

---

<sup>1</sup> Psicóloga, psicanalista, membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

*“A pulsão de morte, e seu equivalente psicológico, o ódio, será o que Freud descobrirá depois de ter parado no Narciso.”*

Julia Kristeva (1983).

Como pensarmos o sentimento de ódio na psicanálise contemporânea? Há relação entre este sentimento e a questão narcísica? Como psicanalistas, pensar a respeito de um *sentimento humano* sempre será algo extremamente complexo e impossível de se tentar resumir num artigo. O que pretendemos é revisitar algumas das ideias freudianas que poderiam nos auxiliar nesta compreensão e que nos permitam articular o sentimento de ódio, a *nova ação psíquica* e a questão da complexização narcísica.

## **Sentimento do ódio em Freud: primeiras ideias, conflito de ambivalência**

No início da sua obra, Freud procura mostrar que há um *conflito* – a ambivalência – entre o movimento de amor e o movimento de ódio em relação ao mesmo objeto. A ambivalência exige do sujeito uma regulação entre estes dois sentimentos. Essa regulação requer um trabalho de equilíbrio entre o sentimento de amor em relação ao mesmo objeto que, por vezes, o sujeito sentirá como hostil e vice-versa. Neste processo há, portanto, uma *organização* do conflito de ambivalência. A regulação é necessária porque há uma coexistência do movimento de amor e do movimento agressivo. Quando a regulação falha, surgem os sintomas neuróticos.

Os sintomas serão de outra envergadura quando, ao invés desta regulação, ocorrer a clivagem entre eles. No entanto, mesmo com falhas regulatórias, num processo de desenvolvimento adequado, o sentimento de amor será mais forte que a destrutividade provocada pelo ódio, uma vez que este estará a mercê da força do recalque. Veremos mais adiante que esta questão de amor e ódio será entendida de forma relativamente diferente na segunda tópica.

Freud, em 1893, em *Comunicação preliminar* (Freud, 1893), aponta para a ideia de que os afetos se descarregam através de movimentos que podem ir do choro até atos de vingança; através deles ocorreria o desaparecimento do afeto – o *desafogar a raiva*. Quando não ocorre a descarga, o afeto ficaria ligado à lembrança traumática. Estamos no momento do método catártico.

Em 1905, nos *Três ensaios*, (Freud, 1905) mostrará a existência de uma ligação da libido com a crueldade, situação que aparece na *transformação* de amor em ódio, dos impulsos afetuosos em hostis, características de vários casos neuróticos. Esta ideia será exemplificada em 1909 através do caso do pequeno Hans (Freud, 1909a) no qual evidencia o par de opostos que compõe a vida emocional na relação do menino com o pai: Hans o ama profundamente, mas também o odeia e nutre desejos de sua morte. Diante desta contradição, surgem os sintomas. Em 1923, através de uma nota de rodapé acrescida a este texto, Freud reconhece a questão do *instinto agressivo* descrito por Adler, reconhecimento que vem após *Além do princípio do prazer* (1920) e *O Eu e o Id* (1923). Mesmo sem concordar de todo com o colega, Freud verá a pulsão de destruição ou de morte oposta às pulsões libidinais, oposição que pode se manifestar na polaridade amor e ódio.

Esta mesma ideia da polaridade, Freud a descreve em 1909, quando supõe que o uso protetivo dos sintomas obsessivos de *O homem dos ratos* (Freud, 1909b) – por exemplo, o arrependimento e a penitência diante da amada – se relaciona com a reação a um impulso contrário, o amor intenso do paciente pelo pai como condição para o ódio recalcado. Em 1926 (Freud, 1926) sintetiza estes aspectos do seu pensamento com relação ao ódio na histeria e na neurose obsessiva: na primeira, o ódio pela pessoa amada aparece com um excesso de ternura e de ansiedade por ela. Esta formação reativa, na maior parte das vezes, fica limitada a determinado objeto e não se instala numa pré-disposição geral do Eu. Já na neurose obsessiva, há uma generalização em relação ao objeto merecedor do ódio, um afrouxamento das relações objetais, uma facilitação no deslocamento do objeto (Freud, 1926).

Com Schreber (Freud, 1911), entende que a projeção, mecanismo essencial da formação dos sintomas da paranoia, estaria relacionada ao fato de que uma percepção interna é suprimida e, em substituição, seu conteúdo vem à consciência como percepção de fora. Esta deformação que ocorre no delírio paranoico consiste numa transformação do afeto: o que deveria ser sentido internamente como amor é percebido como ódio vindo do exterior.

Freud seguiu refletindo sobre a ambivalência em outros textos. Entre eles, destacamos que, em *Totem e tabu* (1912-1913), mostra a relação entre o ódio ao pai e a busca pelo poder – o pai primevo violento era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos que tinham sentimentos contraditórios em relação a ele – e afirma que a ambivalência afetiva, ou seja, o sentimento de amor e ódio ao mesmo objeto, está na raiz de importantes instituições culturais. Provavelmente esta ideia de que há agressão em relação ao pai primevo – que, como tal, contém elementos filogenéticos – nos permite pensar que o ódio é, expressamente, um sentimento psíquico, é uma complexidade quanto à agressão. Em *A predisposição à neurose*

*obsessiva* (Freud, 1913), relaciona os impulsos de ódio com o erotismo anal na sintomatologia das neuroses obsessivas. Em *Luto e melancolia* (Freud, 1917), dirá que a ambivalência na melancolia é resultado de uma oposição amor e ódio, originando-se ora na realidade das vivências ocasionadas pela ameaça da perda do objeto, ora na constituição do indivíduo (própria de todo vínculo amoroso do Eu); se o amor pelo objeto refugia-se na identificação narcísica, o ódio entra em ação neste objeto substituto, insultando-o, fazendo-o sofrer e obtendo uma satisfação sádica desse sofrimento. Em *Mal-estar na civilização* (1930), afirma que o sentimento de culpa seria o resultado da primordial ambivalência afetiva em relação ao pai: o ódio se satisfaz com a agressão ao pai e, após, vem o amor por ele, ideia que já aparecera em *Totem e Tabu* (Freud, 1912-1913).

## **O sentimento do ódio em Freud: segundo momento – introdução do narcisismo**

Em 1914, Freud *introduz o narcisismo* (Freud, 1914) no seu arcabouço teórico, o que implica em mudanças profundas na estrutura da sua teoria e, conseqüentemente, em relação ao sentimento de ódio. Como vimos até aqui, a ênfase dada por Freud em relação ao amor e ao ódio, até esse momento da sua teoria, era a *transformação* de um sentimento de amor em ódio e vice-versa. Estas ideias estavam relacionadas, também, ao fato de que, no início da sua teoria sobre as pulsões, havia a oposição entre a energia das pulsões sexuais, a libido e a energia das pulsões do Eu.

Agora, em 1914, propõe uma mudança na teoria da libido e apresenta duas correntes do investimento libidinal: libido narcísica (ligada ao Eu – as pulsões do Eu e as pulsões de autoconservação, considerada como o investimento libidinal originário) e libido de objeto, que será a parte do investimento libidinal originário do Eu que se dirigirá como investimento aos objetos externos (Freud, 1914). As energias – libido do Eu-libido de objeto – coexistem no estado narcísico e são indiscerníveis uma da outra. A libido que investe originariamente no Eu será, para Freud, aquela que corresponde a um narcisismo primário, um investimento libidinal originário que, inicialmente, ocorre no próprio corpo. Num movimento paralelo, esta libido narcísica será dirigida aos objetos externos, criando, então, o narcisismo secundário. Este surge como resultado do retorno sobre o Eu dos investimentos que até então estavam depositados no objeto e na modificação que este retorno promove no Eu, consolidando-se sobre a base do narcisismo primário.

Para que o Eu se constitua, será necessário um interjogo entre libido do Eu

e libido de objeto, ao mesmo tempo em que será necessária a resposta do objeto libidinizado num movimento pulsional que permitirá as marcas dos investimentos deixadas pelo objeto – ou as marcas da falta de investimento libidinal. É neste momento de suas reflexões que Freud afirma: “As pulsões autoeróticas estão presentes desde o início, e é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao autoerotismo, uma *nova ação psíquica*,<sup>2</sup> para que se constitua o narcisismo” (Freud, 1914, p. 99).

Nossa intenção, neste artigo, é refletir sobre a importância desta ideia freudiana para a compreensão do funcionamento de estruturas psíquicas que sofreram falhas importantes em relação a estes investimentos (ou desinvestimentos). *Algo tem de ser acrescentado ao autoerotismo? Como surge uma nova ação psíquica?* Entendemos que aquilo que será *acrescentado ao autoerotismo* estaria relacionado com *investimentos do objeto* – a libido do Eu que, dirigida ao objeto, retorna como investimento no Eu, configurando o duplo retorno pulsional (modelo da fita de Moebius), construindo o psíquico (*uma nova ação psíquica*) a partir do desejo de viver, alucinatoriamente, o prazer da satisfação provindo deste investimento. Como ainda não há diferenciação Eu/não-Eu, também não há o reconhecimento inicial de onde vem a satisfação (o dentro e o fora ainda não se estabeleceram como psíquicos). De qualquer forma, a satisfação é constituinte desta *nova ação psíquica*. Agora é o psiquismo inicial que põe em marcha uma *ação psíquica*. Portanto, o narcisismo é estruturante do sujeito.<sup>3</sup>

Como pensarmos, em Freud, o que ocorre quando não há investimento de objeto capaz de gerar prazer, ou quando o registro de desprazer é prevalente – fome, sede, frio, dor? Elementos de um autoerotismo relacionados à destruição, entrelaçados ao ódio do objeto primário? Presença de uma força propulsora destrutiva resultante da quantidade excessiva de um traumático não-elaborável?

Primeiramente, estamos de acordo com Freud que a sensação de desprazer também é responsável por provocar “impulsos para as mudanças da situação psíquica, de atuar de forma instigadora” (Freud, 1905, p. 125), movimento este essencial para o desenvolvimento psíquico. Freud inclui a tensão da excitação sexual como sensação de desprazer, mas que, indubitavelmente, será sentida como prazer. Nossa questão é quando este desprazer é prevalente. Entendemos que a sensação de desprazer está sempre relacionada com a de prazer. Por exemplo, logo após o parto, o bebê sai de um ambiente/útero quente e, se não for protegido adequadamente, viverá uma sensação de frio, causa de desprazer. Este frio é

---

<sup>2</sup> Grifo meu.

<sup>3</sup> André Green (1967) propõe a ideia do *narcisismo primário como estrutura do sujeito* e não apenas como um estado.

desprazer, uma vez que está em relação com o calorzinho vivido dentro do útero. Portanto, o registro de desprazer (sensação de frio) é comparado com o quente do útero. Estamos nos referindo a uma *dialética prazer e desprazer* existente desde o início da vida. Entendemos que os estados de prazer e satisfação relacionam-se aqui com vivências corporais e permitem pensarmos num narcisismo primordial. Freud precisará do *Além do princípio do prazer* (1920) para, ele próprio, ter algumas destas ideias mais claras. Acentuará o caráter libidinal das pulsões de autoconservação e dirá que “É preciso identificar a pulsão sexual com Eros – que tudo preserva – e concluir que a libido narcísica do Eu nasce dos estoques de libido utilizados pelas *células somáticas*<sup>4</sup> para aderirem uma às outras” (Freud, 1920, p. 173).

O narcisismo será visto por Freud, portanto, como expressão da vida. Há uma passagem de um *narcisismo somático* (células somáticas que utilizam libido, conforme a citação acima) a um narcisismo propriamente dito. A ideia desta passagem nos permite a compreensão de que *a nova ação psíquica* é a junção de sistemas, de união, é uma configuração mais complexa do narcisismo que apreende as sensações de prazer e desprazer. É um passo adiante que trabalha para uma evolução do processo que movimenta o somático para criar o psíquico – o processo *somatopsíquico*. O narcisismo caminha de um narcisismo somático para um psíquico. Quando, numa vivência corporal, é o desprazer que predomina, algo se decompõe, e a marca desta decomposição poderá ser um elemento que consideramos potencialmente perturbador da formação do aparelho psíquico. De acordo com a intensidade de desprazer que ocorre na vivência traumática, o narcisismo sofrerá uma fratura, proporcionando a entrada em cena do sentimento de ódio. Estas fraturas serão, do nosso ponto de vista, brechas para o desenvolvimento de um narcisismo mortífero.

Em relação às nossas questões, também pensamos que, do ponto de vista metapsicológico, necessitaremos, além de pensar o papel do narcisismo, enlaçar a ideia freudiana a respeito da pulsão de destruição. Mas antes, vejamos como Freud, ainda na primeira tópica, constrói um caminho para a compreensão do ódio.

Em *Pulsões e destinos das pulsões* (Freud, 1915), um dos pilares da sua metapsicologia, Freud parte da ideia de que as pulsões sexuais possam ter quatro destinos diferentes ao longo do seu desenvolvimento: (i) a transformação em seu contrário; (ii) o redirecionamento contra a própria pessoa; (iii) o recalque; (iv) a sublimação.

A transformação em seu contrário se desmancha em dois processos distintos: (a) o redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade – a *meta*

---

<sup>4</sup> Grifo meu.

ativa é substituída pela passiva (os pares de opostos, sadismo/masochismo, vontade de olhar/exibição); e (b) a inversão do conteúdo, encontrada apenas no caso da transformação do amor em ódio (Freud, 1915, p. 152). Para Freud, a *indiferença* (um dos pares opostos ao amar) é vista como a precursora do ódio, já que, no início, não há diferença entre o externo, o objeto e o odiado. Pensamos que esta ideia de *transformação* do amor em ódio e vice-versa, neste momento do percurso de Freud, deixa alguns pontos incompreensíveis que o texto de 1920 descortina: a dialética pulsão de vida e pulsão de morte permitirá entender que o amor contém o ódio e o ódio contém o amor.

Ao mesmo tempo, Freud é claro e escreve que, quando o objeto for fonte de desprazer, também “será incorporado ao Eu de modo que, para o Eu-prazer-purificado, o objeto coincidirá com o que é estranho e odiado” (Freud, 1915, p. 159). O objeto odiado passa a ser, portanto, incorporado por aquele Eu que ainda precisará se desenvolver e fará parte do seu equipamento psíquico. Neste momento, o ódio sentido pelo Eu estaria relacionado à fonte das pulsões de autoconservação, na qual sempre ocorrerão frustrações relacionadas com as necessidades básicas – o desprazer.

Para Freud, “o amor nasce da capacidade do Eu de satisfazer uma parte de suas moções pulsionais de maneira autoerótica, pelo prazer de órgão” (Freud, 1915, p. 161) e é originalmente narcísico. Refere que

*O estado narcísico primordial não poderia seguir [um] desenvolvimento se todo indivíduo não passasse por um período de desamparo e de cuidado, durante o qual suas necessidades prementes são satisfeitas por intervenção externa e, com isto, freadas no seu desenvolvimento. (Freud, 1915, p. 171, grifo meu).*

Nossa questão é justamente o que se passa quando este estado de desamparo não é aplacado pela intervenção externa. Baseada na ideia freudiana de que uma parte das pulsões sexuais é capaz de satisfação autoerótica vivida sob o domínio do princípio do prazer, enquanto outras precisam de um objeto desde o início, podemos afirmar que esta vivência de desamparo (sentimentos de desprazer: fome, sede, frio, dor) deixa traços no aparelho que são, primariamente, vividos no desprazer corporal associados à angústia primordial (Freud, 1926; Falcão, 2013) e à angústia do Eu. Podemos pensar que não haverá desenvolvimento psíquico adequado se a intensidade traumática da vivência de desamparo for excessiva.

Freud explicita a necessidade de que as *pulsões chamem o objeto – intervenção externa* – para que haja desenvolvimento psíquico. Porém, entendemos

que é possível relacionar o *narcisismo primário* com o *desamparo* e, neste vértice, entender o *narcisismo absoluto* como o *estado anterior, em que não há nada no mundo além de nada* (Falcão, 2014). Já nessa época, talvez Freud estivesse semeando sua futura dialética pulsional, na qual incluirá a pulsão de destruição, ao considerar que “Quando o objeto entra em cena na etapa do narcisismo primário, desencadeia-se também o pleno desenvolvimento da [...] oposição ao amar [...] o odiar” (Freud, 1915, p. 159): isto é o *desenvolvimento* do sentimento de amor e ódio e corrobora nossa ideia de que a *nova ação psíquica* é uma configuração mais complexa do narcisismo que apreende as sensações de prazer e desprazer.

André Green, por exemplo, entende que o narcisismo primário está sujeito a ter diferentes destinos – pode tornar-se um aspecto do narcisismo que acompanha toda a escolha de objeto que desembocará na constituição de um narcisismo secundário, capaz de utilizar a libido de objeto, ou passa a constituir um narcisismo primário absoluto ou narcisismo negativo, desligado do objeto e negando qualquer alteridade em relação a este objeto – “O narcisismo é o apagamento do traço do outro no Desejo de Um” (Green, 1983, p. 127) – portanto uma defesa radical de não-existência do outro.

Freud observa que é a partir das experiências de autoconservação (e sublinhamos: experiências que podem ser de prazer ou de desprazer) que a cena para a entrada do objeto externo na construção do Eu se faz presente. Na evolução da construção do psíquico, quando

[...] a etapa puramente narcísica dá lugar à etapa objetal, prazer e desprazer passam a significar as relações do Eu com o objeto. Se o objeto se torna a fonte de *sensações prazerosas*,<sup>5</sup> instala-se a tendência [...] a trazer o objeto ao Eu e incorporá-lo [...] [Neste caso], *amamos* o objeto. (Freud, 1915, p. 159).

E inversamente, quando o objeto é fonte de *sensação de desprazer*, aumentará a tendência a manter o objeto afastado e instala-se a tendência a repeli-lo. A relação com o mundo externo tem o sentido primordial de ódio. Então, *odiamos o objeto*. Quando este ódio se intensifica, poderá ocorrer uma inclinação para agredir e destruir este objeto. O *odiar* está, então, relacionado com o *desprazer* e podemos dizer que é essencialmente originário da fratura narcísica. Vamos nos deter nesta afirmação de Freud:

O Eu odeia, abomina, persegue com intenções destrutivas todos os objetos que se tornam para ele fontes de desprazer sem levar em conta se são um

<sup>5</sup> Grifo meu.

obstáculo à satisfação sexual ou à satisfação das necessidades de conservação. Podemos até mesmo afirmar que os verdadeiros modelos<sup>6</sup> da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da *luta do Eu pela sobrevivência e para se impor*. (Freud, 1915, p. 160, grifo meu).

Esta afirmação nos leva a um questionamento e pode ter provocado algumas confusões dentro de sua própria teoria. Sendo uma afirmação que pertence à primeira tópica, poderíamos entender que Freud está colocando o ódio como herdeiro da agressividade relacionada à autoconservação. Estaria esta ideia relacionada com aquilo que pertence mais à ordem do *Instinkt* do que da *Trieb*? As reações de agressividade nos animais poderiam estar ligadas, também, às suas próprias questões de sobrevivência? Este aspecto do *Instinkt* passaria a ser componente da *Trieb*? Machado assinala que, em qualquer fenômeno vital, *Trieb* e *Instinkt* estão combinados entre si (Machado, 2013).

Mesmo parecendo paradoxal a afirmação freudiana acima, penso que podemos entender que o ódio liga-se à autoconservação como o resultado de uma fratura narcísica somática. E será, do nosso ponto de vista, uma espécie de grão constituinte dos representantes psíquicos da pulsão (vivências corporais – a fonte – que entram no trabalho da constituição pulsional), uma vez que as sensações desprazerosas vivenciadas pelas falhas relacionadas à autoconservação – fome, sede, excesso de ruídos, alimento ruim, muito quente ou muito frio, *etc.* – deixam marcas vividas num corpo somatopsíquico que provocam excitações de desprazer.

Neste mesmo texto, Freud (Freud, 1915) destaca que, *enquanto relação com o objeto*, o ódio é mais antigo que o amor: surge do *repúdio primordial do Eu narcísico* que se depara com a recusa do mundo exterior, aportador de excitações (Freud, 1915). Portanto, Freud introduz que é o Eu-narcísico, portador de investimento libidinal do Eu, que não suporta a recusa em não ser investido, não ser olhado. O amor de si está relacionado com a raiva do outro (Freud, 1914; Falcão, 2014; Green, 2007a; 2007b) e, se isto for prevalente, implica em reconhecermos no outro também a ambivalência entre o amor e o ódio. Constatamos essas formas abertamente agressivas nas regressões sádico-anais nas quais as fantasias de tortura do objeto são evidentes. Freud (1915) diz algo essencial: “As designações de *amor e ódio* não se aplicam às relações das pulsões com seus objetos, mas sim às *relações do Eu total*<sup>7</sup> com os objetos” (Freud, 1915). Apenas o Eu *sente*; pulsões e *instinkts* não estão capacitados a *sentir*.

---

<sup>6</sup> No sentido de protótipo, entendendo que é o que precede a instituição do psíquico.

<sup>7</sup> *Eu total* em seu desenvolvimento.

## Sentimento do ódio em Freud: depois de Narciso, a pulsão de morte e seu equivalente, o ódio – terceiro momento

Somos da opinião de que a virada dos anos vinte e o desdobramento que esta teoria permitiu à psicanálise contemporânea facilitarão a compreensão do papel do ódio na estrutura psíquica do sujeito. Em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920), texto pilar da nova metapsicologia, surge a dialética pulsões de vida e pulsões de morte. Se, com o narcisismo, como vimos acima, a dialética era entre a libido do Eu e a libido de objeto, agora, vemos que a oposição ocorre dentro do próprio Eu (mesmo que inicialmente indiferenciado) entre as pulsões de vida, Eros, que englobarão as pulsões sexuais e as de autoconservação e as pulsões de morte e de destruição. Amor e ódio são agora decorrências psíquicas destas pulsões. Desde o início ele reconheceu o componente sádico da pulsão.

Freud (1920) descreve que a pulsão de morte é a primeira pulsão; acompanhados de Kristeva (1983), entenderemos que o *ódio é o equivalente psicológico da pulsão de morte*, ou seja, o ódio surge como um elemento originário no sistema pulsional freudiano da segunda tópica, o que nos permite pensar num *sadomasoquismo originário*<sup>8</sup> como um efeito da pulsão destrutiva que busca destruir as linhas do narcisismo de Eros estabelecidas em si própria<sup>9</sup>. Freud salienta que *mesmo a autodestruição da pessoa não ocorrerá sem satisfação libidinal*. Em 1924, em *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924), o masoquismo será a expressão central da pulsão de morte, a agressão será a parte projetada no exterior (sob o modelo da libido narcísica). Ele refere:

A pulsão de morte atuante no organismo – o sadismo original – seria idêntica *ao masoquismo* [e que] após a parcela principal do sadismo original ter sido transposta para fora em direção aos objetos, um resíduo interno teria permanecido, e seria este o masoquismo propriamente dito. Isto é, o masoquismo erógeno. (Freud, 1924, p. 110).

O *sadomasoquismo originário* poderia ser, então, um momento da evolução que precisou do externo para estabelecer relações; seria decorrência de um *primeiro enlace narcísta*, da mesma forma que uma célula se junta a outra para que o corpo possa se desenvolver e ter vida. Assim, entendemos com Freud que o *masoquismo erógeno primário* é também um testemunho da origem da vida, um primeiro enlace

<sup>8</sup> Roaldo Machado chama atenção para a possibilidade de usarmos esta expressão *sadomasoquismo originário*, uma vez que Freud refere que, no início da vida, masoquismo e sadismo convergem.

<sup>9</sup> Discutimos de forma mais detalhada estas questões em *Death drive, destructive drive and the desobjectalizing function in the analytic process* (Falcão, 2015).

entre Eros e a pulsão de morte e pode organizar tanto a vida quanto a morte.

A partir desta ideia freudiana, A. Green entende que aquilo que sobreviveu aos ataques e que não foi defletido para o exterior sob a forma de agressividade se mantém no Eu e constitui um resíduo mortífero que vai, durante a vida, ser o suporte das tendências autodestrutivas do indivíduo (Green, 2007a, p. 62). Sua hipótese é, portanto, a de uma destrutividade originária com dupla orientação, interna e externa. Completando: o *sadismo ataca o outro, e o masoquismo mata o sujeito* (Green, 2007a). Do nosso ponto de vista, pensamos ser necessário considerar que, ao mesmo tempo em que há esta destrutividade originária, resta sempre um resíduo vital que poderá ser o suporte mínimo da vida.

No final do primeiro capítulo do *Além*, Freud (1920) tenta mostrar a importância das *forças psíquicas* quanto à sua capacidade de colocar em marcha os movimentos de repetição. A relação entre o par prazer/desprazer e a quantidade de excitações presentes não são relações simples, e Freud descreverá a relação fundadora do princípio do prazer e do princípio de constância relacionando-os à tendência do aparelho psíquico a manter a quantidade de excitação mais baixa quanto possível. L. Kahn (2012) pensa que Freud quer incluir nesta sua hipótese a relação entre o *desprazer da percepção* e suas fontes pulsionais. Em 1933, Freud referia que não somente a grandeza da soma de excitação faz de uma impressão um momento traumático, paralisa a função do princípio do prazer, dá à situação de perigo sua importância. O desprazer dependerá também da qualidade e da periodicidade. O desprazer aparece no sentimento que o Eu tenta evitar, a satisfação ocorre no ato e sua descarga ocorre no encontro perceptual de acordo com a relação das forças presentes. É dentro deste panorama que a compulsão à repetição, ou seja, a repetição do desprazer, impõe passar pela posição paradoxal do afeto (Kahn, 2012).

Em *O Eu e o Id* (Freud, 1923), o ódio não é apenas o precursor do amor nas relações humanas (ideia que já se apresentava em 1913), mas, quando a transformação do amor em ódio ou vice-versa “é mais do que mera sucessão temporal, simples substituição, desaparecem os alicerces para uma distinção fundamental como essa entre as pulsões eróticas e as de morte” (Freud, 1913, p. 53). Quando duas periodicidades não coincidem, pulsional e sensorial, abre-se um terreno fértil para as neuroses. Poderíamos pensar que, agora, não seria mais a transformação em seu contrário que seria o centro do movimento, mas, sim, que há uma distribuição de energia – a presença de um reservatório de libido – que poderá agir em direção ao Eu e aos objetos, podendo tanto entrar no trabalho da construção das pulsões de vida, o erótico, quanto das pulsões de morte e destrutividade. A

quantidade desta energia e deste movimento circular entre o Eu e o objeto permitirá a complexização do narcisismo, alicerces da estrutura psíquica.

Vamos lembrar que a questão referente ao *reservatório da libido* (no Eu ou no Id?) permaneceu confusa em Freud. A ideia do *Eu como o grande reservatório libidinal* se mantém até 1920. Em *Além*: “O Eu é o verdadeiro e originário reservatório da libido, que é enviada aos objetos somente a partir daí” (Freud, 1920, p. 173). No entanto, a partir da segunda tópica, com a instância Id fazendo parte do aparelho psíquico, Freud se vê obrigado e repensar esta ideia: “Somos obrigados agora, após a diferenciação Eu e Id, a considerar o Id como o grande reservatório da libido” (1923, p. 84, n. 73). Necessidade de repensar a questão libidinal e o narcisismo? Freud dirá:

De início, toda a libido está ainda acumulada no Id, enquanto o Eu ou se encontra ainda em processo de formação ou já se formou, mas ainda é frágil. Nessa fase é o Id que emite uma parte desta libido, investindo-a nos objetos. Mais adiante, quando já está mais fortalecido, o Eu tenta se apoderar ele mesmo desta libido objetual enviada pelo Id e busca se impor como objeto de amor ao Id. O narcisismo do Eu é, dessa forma, um narcisismo secundário que foi retirado dos objetos. (Freud, 1923, p. 55).

Apesar desta descrição ser convincente em relação à sua nova estrutura tópica, a confusão seguirá. Em 1925, na sua *Autobiografia*, Freud volta a afirmar:

Por toda a vida o Eu continua a ser o grande reservatório da libido, do qual são enviados investimentos objetais e ao qual a libido pode novamente retornar dos objetos. Portanto, libido narcísica se transforma continuamente em libido objetual e vice-versa (Freud, 1925, p. 143).

E, em 1938, no *Esboço*, seu texto testamentário, ele acrescenta:

É difícil afirmar alguma coisa a respeito do comportamento da libido no Id ou no Supereu. Tudo o que sabemos a respeito refere-se ao Eu, onde, inicialmente, encontra-se armazenada toda a quantia disponível de libido. Chamamos este estado de *narcisismo* primário absoluto. Ele dura até o momento em que o Eu inicia o investimento libidinal nas representações de objeto, transformando a libido narcísica em libido de objeto. Durante toda a vida o Eu permanece sendo o grande reservatório da libido, a partir do qual os investimentos libidinais são enviados aos objetos e para o qual estes

mesmos investimentos podem novamente ser recolhidos, da mesma forma que um protoplasma faz com seus pseudópodos. (Freud, 1940 [1938], p. 176).

O Apêndice II (1923, p. 68), anexado ao texto de *O Eu e o Id*, discute de forma clara esta aparente contradição em Freud e nos permite a compreensão concordante: a ideia de que um *reservatório* tem duplo sentido: tanto pode servir para armazenar como para distribuir o que ali está. Esta ideia se entrelaçará na segunda tópica: *Eu e Id são originalmente indiferenciados*, portanto, neste início, o grande reservatório da libido será este Eu-Id indiferenciados. O *Eu-real-primitivo* seria um conjunto de órgãos ou aparelhos funcionais, libidinalmente unidos e investidos, portanto, uma primeira complexização do Eu-Id em movimento. Este pensamento origina-se na ideia freudiana de que os *investimentos dos órgãos são os prelúdios dos investimentos dos objetos* (Freud, 1926). Mesmo com o desenvolvimento permitindo uma diferenciação, o Id permanece como o reservatório e ele enviará investimentos ao Eu, fazendo com que este Id seja a fonte de distribuição. Ao mesmo tempo, o Eu permanece como tanque de reservatório para a libido narcísica e fonte de distribuição de investimentos objetais (*Ibid.*, p. 70).

Esta questão metapsicológica é importante para nossa compreensão da origem do sentimento de ódio em Freud. Agora, diferentemente da primeira tópica, na qual este sentimento era o resultado de uma ambivalência, ele será visto como originário, como relacionado à distribuição ou ausência de investimentos, como pertencentes às duas pulsões e dependente do intrincamento destas.

Green (Green, 2007a), diferentemente de Freud, não acredita que a função autodestruidora da pulsão de morte possa se exprimir primitivamente, espontaneamente ou automaticamente. Ela seria resultado de desinvestimentos que instalam no sujeito um funcionamento baseado na função desobjetalizante. O *narcisismo negativo* é, portanto, uma manifestação desta função: sua expressão clínica – expressão da pulsão de morte – é a pulsão que visa a *volta ao estado anterior*, ao nada, ao desligamento (Green, 1993; 2002a; 2002b; 2011). A morte na vida se instala e se executa silenciando e paralisando a libido, que deixa de se locomover no aparelho psíquico, impedida, assim, de circular num vaivém com o outro. Narcisismo de morte é morte na não vida. É a não constituição psíquica (Falcão, 2014).

Ao mesmo tempo, podemos entender, com René Roussillon (Roussillon, 2000; 2008; 2009; Falcão, 2017a) o *retorno ao estado anterior* como uma defesa contra o *retorno do estado anterior* (retorno vivenciado passivamente, *automático*), uma vez que uma adaptação insuficiente do primeiro ambiente e dos cuidados maternos provoca, no bebê, estados de morte psíquica. Segundo ele, os traços

mnésicos dessas *agonias primitivas* são submetidos a uma compulsão à repetição de tal ordem que não podem ser integradas e simbolizadas. Diante de uma ameaça de *retorno do estado anterior*, o psiquismo reage por um retorno que provoca uma regressão deliberada ao estado anterior. Roussillon (Ibid.) afirma que a compulsão a simbolizar poderia, sob a égide desse retorno, permanecer sob a primazia do princípio do prazer e conduziria, na clínica de certos estados traumáticos, a dificuldades para reintegrar essa primazia do princípio do prazer. Ou seja, trata-se da questão do automatismo de repetição *além do princípio do prazer*.

R. Roussillon (2009; 2010) dirá que os traumatismos primários que atingem a organização do processo e da simbolização primária conduzem a estados traumáticos correspondentes a estados de desprazer sem representação, ocorrendo um forma paradoxal de conflito. O paradoxo está no fato de que (i) o amor que se *transforma* em ódio, não é oposto à raiva, mas *torna-se* raiva, como Freud já falara em Schreber; e (ii) há um estado de *confusão* entre amor e ódio e estes sentimentos não conseguem se diferenciar. Amor e destruição não são mais opostos, mas estão em confusão, o bom é mau e o mau é bom; o prazer provoca o desprazer, o desprazer provoca o prazer. O sujeito se sente perdido, desorganizado.

Nossas hipóteses em relação *ao ódio e a nova ação psíquica* se baseiam, como vimos no decorrer do texto, em elementos teóricos que irão se entrelaçar entre as duas tópicas. Resumimos, a seguir, os vértices componentes deste entrelaçamento a partir do conflito de ambivalência

a) *Conflito de ambivalência*: continuamos considerando que, em muitas estruturas, ditas neuróticas, o ódio estaria relacionado com a questão do conflito de ambivalência entre amor e ódio pelo mesmo objeto, ideia central para Freud na primeira tópica. Na medida em que o trabalho de diferenciação Eu/não-Eu avança, avança também a percepção de que o objeto externo está relacionado à vivência de desprazer. Do registro deste desprazer nasce o ódio contra o objeto, mesmo objeto que também lhe fornece sustentação e prazer. Porém, há aqui a possibilidade da integração desta ambivalência assim como a capacidade do sujeito em lidar com este paradoxo, momento descrito por M. Klein com o nome de *posição depressiva* (Klein, 1935).

b) *Desamparo, narcisismo primordial e angústia primordial*: consideramos a ideia de que o que retira o sujeito de um *estado narcísico primordial* é a fratura do narcisismo absoluto. Esta fratura é um requerimento para a manutenção da homeostase necessária a um desenvolvimento psíquico que surge a partir da necessidade e da entrada dos investimentos externos. Rompe-se, então, o narcisismo absoluto e estabelece-se um primeiro enlace entre o interno e o externo. Freud, em 1926 (Freud, 1926), refere que há no

ato do nascimento uma grande ruptura narcísica. Acompanhamos, portanto, a ideia freudiana de que o *narcisismo primário absoluto* perdurará até que o Eu possa investir as representações de objetos, transformando a libido narcísica em libido objetual. Entendemos que, quando o estado de desamparo não é aplacado pela intervenção externa, surgem marcas no aparelho que são, primariamente, vividas no desprazer corporal associados à *angústia primordial*, vivências propulsoras do ódio. Relacionamos o *narcisismo primário* com o *desamparo*, entendendo o *narcisismo absoluto* como o *estado anterior* referido acima. Se não houver um investimento objetual que o retire deste estado, o vazio e o desligamento reinarão, meta da pulsão de morte. No lugar do vital, o mortífero. Este *narcisismo primário absoluto* perdurará até que o Eu possa investir as representações de objetos, transformando a libido narcísica em libido objetual e vice-versa (Freud, 1940 [1938]). Green (1967, p. 126) dirá que o “sujeito se edifica lá onde a investidura do objeto foi consagrada no lugar de seu investimento”.

c) *Sensorialidade-não-ligada*: como vimos até agora, uma boa qualidade do investimento do objeto permite integrar aspectos do sensório perceptível que ainda não foram ligados num circuito psíquico. Entendemos que, a partir de falhas significativas do investimento libidinal objetual, a *sensorialidade* permanecerá *não-ligada e corre-se o risco de falhas importantes na comunicação transmodal do bebê*. A *ação específica* é uma complexização daquilo que era autoconservação. O seio torna-se perceptível para o bebê por inúmeros canais sensoriais – transmodais. Sucessivas ondas dos sentidos sensoriais percorrem um caminho no encontro com ondas sensórias do objeto primário, processo que se expande e amplia a capacidade perceptiva. A cada retorno destas ondas sobre o bebê cria-se um momento de *sensorialidade-ligada*, ingrediente para a progressiva complexidade do narcisismo. Neste processo de desenvolvimento e complexização, o Eu estará pronto para receber o seio na sua complexidade sensorial.

d) *Interrupção no ritmo presença-ausência e a periodicidade*: se entendermos, com Freud, que o amor estará conectado com as futuras pulsões sexuais e que, quando sintetizadas, representarão o todo da vertente sexual, podemos pensar que, neste caminho, algumas das etapas já coincidirão com a *interrupção da existência do objeto*, o que significa uma vivência ambivalente. O corpo que já registrou vivências de prazer, num emaranhado no qual ainda não há diferenciação entre si e o objeto, será capaz de suportar esta interrupção através da *realização alucinatória do desejo*, início do psíquico. No caso de vivências de desamparo, haverá uma potencialização

– o quantitativo – da vivência da interrupção e da não-resposta do objeto. No lugar do estabelecimento de um ritmo presença-ausência, necessário para a criação do psíquico, registra-se a presença da ausência, do vazio, do oco como predominante. Através do trabalho do negativo (Green, 1993), o objeto primário, que investiu para que ocorresse o prazer, deixará suas marcas e permitirá que se instale o processo de identificação. Ao mesmo tempo, este mesmo objeto precisará se afastar, se ausentar, se negatizar para que, neste espaço da sua ausência, a mãe com sua função de investimento possa criar-se psiquicamente. O prazer é, portanto, resultado de vivências corporais entrelaçadas com o investimento do objeto primário. Esta relação permitirá a possibilidade do surgimento do sentimento de existência. Se este objeto não se fizer presente para satisfazer as necessidades básicas, ou se, mesmo presente, for um objeto tomado pelas suas próprias pulsões destrutivas, as sensações desprazerosas começarão a deixar suas marcas e as prazerosas possíveis estarão minimizadas pela força do desinvestimento do objeto primário. Neste caso, a possibilidade da realização alucinatória do desejo/prazer ficará impedida de se criar, e o registro corporal desprazeroso será a marca da vida. Vida, neste caso, marcada desde o início pela construção de um psíquico com buracos e/ou marcas da dor/desprazer, registrando a carência de constituição do narcisismo primário. Temos um narcisismo negativo que se constitui desligado de um objeto.

e) *Trabalho do negativo estruturante e narcisismo negativo ou mortífero*: Green apresenta o narcisismo positivo como busca do investimento unitário do Eu, como Eros, pulsão de vida, e o narcisismo negativo, que tenderá à descarga absoluta, ligado à pulsão de destruição (Green, 1983). O ponto de vista objetualizante (função objetualizante) das pulsões de vida ou de amor tem por consequência realizar, pela mediação da função sexual, a simbolização (Green, 1993). A ação das *pulsões de destruição* e de morte se manifestará sob o efeito de uma função desobjetualizante pelo desligamento. A pulsão de morte está em ação cada vez que os objetos do psíquico se encontram desqualificados, perdem sua originalidade ou sua singularidade, ou deixam de ser valorizados (Green, 1983; 1988; 1993; 1995, 2007a, 2007b). “Desobjetualizar é proceder a uma ação que faz com que a evolução pulsional perca o que nela está apto para tratar das propriedades mais singularizantes dos objetos” (Green, 2007b, p. 62). Ou seja, a função desobjetualizante permite que o sentimento de ódio se instale nos primórdios de um Eu ainda indiferenciado do Id. Estamos de acordo com A. Green, por exemplo, quando entende que o narcisismo primário pode ter diferentes

destinos: tornar-se um aspecto do narcisismo que acompanha toda a escolha de objeto que desembocará na constituição de um narcisismo secundário, capaz de utilizar a libido de objeto; ou passar a constituir um narcisismo primário absoluto ou narcisismo negativo, desligado do objeto e negando qualquer alteridade em relação a este objeto. Portanto, quando a *nova ação psíquica*, necessária para complexizar o narcisismo, estiver relacionada ao objeto externo predominantemente constituído ele próprio por pulsões destrutivas e com déficits na sua capacidade de *reverie* (Bion, 1959; 1962), o trabalho de integração prazer e desprazer apresentar-se-á também deficitário, e, conseqüentemente, aquilo que é da ordem do sensório e sensual restará não ligado no aparelho psíquico, deixando abertas as portas para o acoplamento com o irrepresentável. Assim, constitui-se uma relação baseada num narcisismo de morte (Green, 1983). Referimos em outro artigo (Falcão, 2014) que a morte na vida se instala e se executa silenciando e paralisando a libido, que deixa de se locomover no aparelho psíquico, impedida, assim, de circular num vaivém com o outro. Narcisismo de morte é morte na não vida. É a não constituição psíquica. É o des-existir (Faria, 2012). Por outro lado, a boa qualidade do investimento do objeto permite o registro da diferença entre desejo e necessidade (Falcão, 2017b). Sensorialidade não-ligada estará relacionada com déficit de investimento.

f) *Ódio como marcador de uma intensidade energética destrutiva*: Nossa hipótese utiliza a ideia de que, nos casos de vivências de intenso desamparo, este entrelaçamento se dará predominantemente com os traços mnésicos do objeto de não-satisfação, objeto que não responde às necessidades corporais do bebê, potencializando a quantidade de ódio, *marcador de uma intensidade energética*, que passará a ser incorporado como aspecto do Eu-inconsciente. Concebemos, então, a hipótese de que o *ódio nasce da experiência da perda do objeto* enquanto parte de si, uma vez que a não-resposta do objeto significa vivência de perda, de desprazer. Entendemos que esta intensidade energética destrutiva impede a integração daquilo que ainda não é psíquico, impede os primeiros enlacs internos e entre este interno e o externo. No caso dos déficits de investimentos objetivos, há o risco de o sujeito permanecer neste estado narcísico absoluto, facilitando o desenvolvimento dos quadros típicos das patologias narcísico-indentitárias. O ódio, então, seria um marcador da quantidade de energia destrutiva acumulada no psíquico do sujeito, o *equivalente psicológico da pulsão de morte* (Kristeva, 1983), a expressão do sentimento que surge do duplo retorno pulsional destrutivo (como na fita de Moebius). O desenvolvimento do Eu se constituirá com a marca da

perda do objeto, e a quantidade de ódio sentida pelo sujeito será o marcador desta energia, mesmo que jamais esta marca da perda possa revelar o que ela significa na montagem deste Eu, mesmo que ela fique irrepresentável. Nossa hipótese também é concebida a partir da ideia freudiana de que são os traços de movimentos – os *traços de representação de movimentos* – que Freud (1950[1895]) refere no *Projeto* que são investidos pela atenção – identidade de percepção. L. Kahn (Kahn, 1912) nos fornece uma síntese que corrobora nossa hipótese: no sujeito coexistem a percepção alucinatória e a percepção do objeto real e, então, buscando determinar sua coincidência (identidade perceptiva, tal como Freud propõe no *Projeto*), realiza um trabalho para reconhecer o objeto real. Este trabalho implica numa luta entre os processos secundários do pensamento e os movimentos dos processos primários orquestrados pela busca da realização do desejo. Sabemos o quanto esta luta é complicada pela força de atração do objeto. Se as associações primárias ativam as vivências de desprazer, pode ocorrer a interrupção dos processos de pensamentos, ativando o retorno das vivências de desprazer (Freud, 1950[1895]; Kahn, 1912).

g) *A nova ação psíquica: resultado da progressiva complexidade do narcisismo*. Entendemos que a *nova ação psíquica* constitui-se numa *marca do psiquismo*, resultado de investimentos libidinais do mundo externo que proporcionaram prazeres ou desprazeres. Quando o objeto de investimentos libidinais que participou deste trabalho se ausenta, permite que, no lugar desta ausência, o psíquico se coloque em marcha sendo capaz de *realizar alucinatoriamente o desejo*. O desejo, então, cria o psíquico ao mesmo tempo em que já é *expressão psíquica*. Ainda nos é muito difícil – e talvez permaneça impossível – concebermos como, inicialmente, o psíquico revestiu o real do corpo somático. Mas podemos pensar que, ao mesmo tempo em que a nova ação psíquica é resultado da complexização do narcisismo, ela também é estímulo para a estruturação do mesmo.

h) *Ódio e Drang*: Estaria o sentimento de ódio relacionado com o que Freud referia como *Drang*? Se entendermos que *Drang*<sup>10</sup>, em alemão, é uma palavra que contém o sentido de “*ânsia, urgência, anseio, ímpeto e desejo intenso*” (Hans, 2004, p. 16), entenderemos que a palavra *ânsia* “unifica numa mesma palavra a polaridade entre *necessidade e pressão*, de um lado, e *vontade e anseio*, de outro, portanto, interligam a conexão de *urgência e desconforto* com as conotações de *busca de alívio e desaguadouro*” (*Ibid.*). Freud afirma ser “*Drang* a essência da pulsão e de fato é o *Drang* que promove a ligação

<sup>10</sup> Sugiro a leitura do item *Os critérios de tradução adotados* (Hans, 2004).

entre o somático e o psíquico no percurso da pulsão” (*Ibid.*) Portanto, penso ser possível relacionar *Drang*, uma necessidade, uma urgência, uma busca de um alívio, com o ódio, uma vez que esta ligação entre o somático e o psíquico torna-se falha quando não ocorre o alívio. Se as necessidades para a auto-conservação precisam ser supridas pelo objeto para que ocorra um alívio do desprazer corporal, ou, digamos, quando a pulsão não foi atendida, surge o ódio como a expressão da transformação psíquica. Essa ideia complementar a referida acima em relação à *sensorialidade não ligada e o surgimento do ódio. Se ocorre a ligação, estaríamos na presença do prazer (amor).*

i) *Objeto primário revestido de ódio e a falha na estratificação narcísica:* o que pensarmos quando o objeto primário é tomado pelo ódio e pelas suas próprias pulsões destrutivas? Além de relacionarmos o ódio com o registro de traços mnésicos deixados pela vivência com o objeto que não responde às necessidades corporais do bebê e de que este ódio é oriundo também da experiência da perda do objeto, complementaríamos nossas hipóteses dizendo que, quanto mais a ação específica estiver relacionada a um objeto interno carregado pelo seu próprio ódio, maior será a possibilidade de o ódio ser incorporado como elemento estruturante do aparelho psíquico. Referimos *elemento estruturante* no sentido de que ele participará da montagem de uma *estrutura* patológica. As sensações desprazerosas vivenciadas pelas falhas relacionadas à autoconservação – fome, sede, excesso de ruídos, alimento ruim, muito quente ou muito frio, etc. – deixam marcas vividas no corpo e provocarão excitações relacionadas ao desprazer. Estes traços de desprazer teriam dois destinos: (i) se no caminho da formação do aparelho psíquico encontram objetos que também possam oferecer registros de prazer, teriam, então, a capacidade de enlaçar (*bindung*) o desprazer através do investimento libidinal capaz de integrar prazer e desprazer; este enlace já é movimento de uma organização inicial; (ii) se a mãe é potencialmente má e destrutiva, não haverá progressão na estratificação narcísica do sujeito e isso prejudicará toda a organização progressiva da sexualidade infantil; o Eu identifica-se com o mau e a pulsão destila o ódio, como é sugerido acima.

Todas estas reflexões nos permitem ver que o *sentimento de ódio na segunda tópica* estará relacionado à *vivência corporal originária* de desprazer, de carência, da sonegação de satisfação, da falta de investimento ou desinvestimento objetal. Se o objeto primário não cumpriu seu papel inicial de proporcionar os prazeres corporais tornando-se fontes de desprazer, negando-se ao prazer necessário, instala-

se, desde o início, uma relação de ódio, mesmo ainda não havendo diferenciação entre Eu/não-Eu: “... *o eu odeia, abomina ... todos os objetos fontes de desprazer*”. O contato com este objeto fonte de desprazer e o Eu-narcísico ocorre num mesmo movimento pulsional, diríamos, *en continuun*.

Estes esboços teóricos até aqui apresentados e nossa experiência clínica nos levam a entender que o *sentimento de ódio* nasce, de forma rudimentar, através da não satisfação das moções pulsionais que, por sua vez, nascem das necessidades corporais (autoconservação) que não foram satisfeitas ou o foram parcialmente, provocando os primeiros registros de desprazer. A indiferenciação inicial Eu/não-Eu (interno e externo) não permite diferenciar se as sensações corporais desprazerosas têm sua origem interna, ou se são causadas pelo objeto primário, mas as inscrições mnemônicas começam a fazer seus registros de acordo com um *quantitativo-qualitativo primordial indiferenciado*. Para Freud, o objeto é investido mesmo antes de ser descoberto.

Para encerrar, gostaríamos de lembrar que a análise da ambivalência, deste par de opostos amor-ódio, jamais poderá ficar de fora de qualquer processo analítico. Corre-se o risco de colapsos analíticos se paciente e analista impedirem a presença da tomada de consciência do ódio na transferência. Freud, em *Análise terminável e interminável* (1937), dizia que as análises deveriam oscilar entre “um pequeno pedaço de análise do Id e um pequeno pedaço de análise do Eu” (p. 271). A carga de ódio também não poderá ser analisada se não passar pela *transferência* do analista ao paciente (prefiro o termo *transferência do analista* ao invés de *contratransferência*), necessidade primeira para o acesso ao sentimento de ódio. Lembrando Winnicott (1969; 1971), não chegaremos a uma análise sem a vivência e o reconhecimento das falhas do analista diante do paciente. Através delas, o paciente poderá reviver suas raivas. Daí a ideia fundamental que o analista não negue os seus sentimentos de ódio, suas falhas, suas incompetências, sua não-compreensão, elementos que permitirão que as marcas traumáticas precoces surjam diante desse analista que também poderá suportar a raiva do seu paciente, sobrevivendo. □

## Abstract

### **Hatred, the new *psychical action* and the progressive narcissistic complexity**

Briefly and progressively, the author presents some of Freud's ideas concerning the feeling of hatred and its role in the genesis of the Ego. The paper shows how, in Freud's theory, hatred first arises out of the love-hate ambivalence regarding

the same object. The author then illustrates the theoretical aspects that underwent alteration with the introduction of narcissism, and complements them with the developments that arise from the introduction of the dialectics in 1920, i.e. life and death drives. The text aims to establish a theoretical connection between the rise of hatred and the *new psychological action*, i.e. an action that tends to engender narcissism. The author establishes theoretical connections with the drive movements of destructiveness, arising out of double reversal of the destructive drive, a propelling force that destabilizes the construction of a structuring narcissistic foundation of the individual, opening paths for the rise of a destructive narcissism.

Lastly, the author summarizes the theoretical arguments that suggest the hypothesis that the relationship between *hatred and the new psychological action* is based on theoretical elements intertwined among the two topologies: (a) *conflict of ambivalence*; (b) *powerlessness, primordial narcissism and primordial anguish*; (c) *unbound sensoriality*; (d) *interruption of the presence-absence rhythm and periodicity*; (e) *work of the structuring negative and negative or deadly narcissism*; (f) *hatred as a marker of a destructive energetic intensity*; (g) *the new psychological action resulting from the progressive complexity of narcissism*; (h) *hatred and Drang*; (i) *primary object covered by hatred and failure in the narcissistic stratification*.

Keywords: hatred, narcissism, new psychological action, destructive narcissism, primordial anguish, powerlessness, work of the negative, destructive energetic intensity.

## Resumen

### **El odio, la nueva acción psíquica y la progresiva complejidad narcisista**

La autora presenta, de forma evolutiva y resumida, algunas ideas de Freud con respecto al sentimiento de odio y a su papel en la génesis del Yo. Muestra cómo en la teoría freudiana, el odio surge, primero, relacionado a la ambivalencia amor-odio con relación al mismo objeto. A continuación, desarrolla aspectos teóricos que sufrieron cambios a partir de la introducción al narcisismo y complementa sus observaciones analizando lo ocurrido tras la introducción, por parte de Freud, de la dialéctica entre pulsión de vida y muerte (1920). En el texto se busca establecer una conexión teórica entre el surgimiento del odio y *la nueva acción psíquica*, acción que revela una mayor complejidad del narcisismo. La autora establece conexiones teóricas con movimientos pulsionales de destrucción resultantes del

dobro retorno de la pulsión de destrucción, fuerza propulsora que desestabiliza la construcción de un cimiento narcisista estructurante del sujeto y abre vías para el surgimiento de un narcisismo destructivo.

Por último, presenta una síntesis de los argumentos teóricos que permiten pensar la hipótesis de que la relación *del odio y la nueva acción psíquica* se basa en elementos teóricos oriundos de las dos tópicas que se entrelazan: (a) *conflicto de ambivalencia*; (b) *desamparo, narcisismo primordial y angustia primordial*; (c) *sensorialidad no ligada*; (d) *interrupción en el ritmo presencia-ausencia y la periodicidad*; (e) *trabajo de lo negativo estructurante y narcisismo negativo o mortífero*; (f) *odio como marcador de una intensidad energética destructiva*; (g) *la nueva acción psíquica resultado de la progresiva complejidad del narcisismo*; (h) *odio y Drang*; (i) *objeto primario revestido de odio y fallo en la estratificación narcisista*.

Palabras clave: odio, narcisismo, nueva acción psíquica, narcisismo destructivo, angústia primordial, desamparo, trabajo de lo negativo, intensidad enérgica destructiva.

## Referências

- Bion, W. (1959). Ataques à ligação. In *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 87-100
- Bion, W. (1962). *Learning from experience*. London: Tavistock.
- Falcão, L. (2013). Primordial anxiety, drive, and the need for the progressive movement. In *On Freud's "Inhibitions, Symptoms And Anxiety"*. London: Karnac.
- Falcão, L. (2014). Cem anos de narcisismo: *aquém* da psicanálise e *além* de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48 (3), 41-56.
- Falcão, L. (2015). Death drive, destructive drive and the desobjectalizing function in the analytic process. *Int. j. psycho-anal.*, 96, 459-476.
- Falcão, L. (2017a). *Eu sou o mal*: pulsão de morte, destrutividade e o retorno do estado anterior segundo René Roussillon. In *René Roussillon na América Latina*. São Paulo: Blucher.
- Falcão, L. (2017b). O sexual primordial. In *O infantilismo da sexualidade*. Porto Alegre: Sulina.
- Faria, C. G. (2012). Sobre a possibilidade ou a impossibilidade para ser e usufruir: entre existir e des-existir. 29º Congresso Latino-Americano de Psicanálise – FEPAL. São Paulo, 2012. Artigo não publicado.
- Freud, S. (1893). Estudos sobre a histeria: comunicação preliminar. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 2). São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- Freud, S. (1950[1895]/2006). Projet d'une psychologie. In *Lettres à Flies*. Paris: Puf, 2006.

- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 6). São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- Freud, S. (1909a). Análise da fobia de um garoto de cinco anos. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 8). São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- Freud, S. (1909b). Observações sobre o caso de uma neurose obsessiva. *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 9). São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- Freud, S. (1911). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado numa autobiografia. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 10). São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1912-1913). Totem e tabu. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 11). São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- Freud, S. (1913). A predisposição à neurose obsessiva. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 10). São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo: escritos sobre a psicologia do inconsciente. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud*. (Tradução: L. A. Hans, Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1915). Pulsões e destinos das pulsões. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Tradução: L. A. Hans, Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1917). Luto e Melancolia. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 12). São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Tradução: L. A. Hans, Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1923). O eu e o id. In Sigmund Freud. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Tradução: L. A. Hans, Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- Freud, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Tradução: L. A. Hans, Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- Freud, S. (1925). Autobiografia. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 17). São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 17). São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- Freud, S. (1930). Mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Freud, S. (1933). Angústia e pulsões. In *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 18). São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1937). Análise terminável e análise interminável. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Freud, S. (1940 [1938]). Esboço de psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- Green, A. (1967). Narcissisme primaire: structure ou état? In *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Les Éditions de Minuit. 1983.

- Green, A. (1983). *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Green, A. (1988). Pulsions, psyché, langage, pensée. In *Propédeutique: la métapsychologie revisitée*. Seyssel: Champ Vallon, 1995.
- Green, A. (1993). *Le Travail du Négatif*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Green, A. (1995). *Propédeutique: la métapsychologie revisitée*. Seyssel: Champ Vallon, 1995.
- Green, A. (2002a). Sur l'indiscrimination et l'indiscrimination affect-représentation. In *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- Green, A. (2002b). *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris: Puf, 2003.
- Green, A. (2007a). *Porquoi les pulsions de destruction ou de mort?* Paris: Du Panamá.
- Green, A. (2007b). Pulsions de destruction et maladies somatiques. *Revue française de psychosomatique*, 32(2), 45-70.
- Green, A. (2011) Les cas limite. De la folie privée aux pulsions de destruction et de mort. *Revue française de psychanalyse*, 75(2), 375-390.
- Hans, L. A. (2004). Os critérios de tradução adotados. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kahn, L. (1912). *L'écoute de l'analyste: de l'acte à la forme*. Paris: Puf.
- Klein, M. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos. In *Obras completas de Melanie Klein: amor culpa e reparação e outros trabalhos* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Kristeva, J. (1983). *Histoires d'amour*. Paris: Ed. Denoel.
- Machado, R. (2013). Variações sobre temas em psicanálise. Porto Alegre: Movimento.
- Roussillon, R. (2000). Paradoxes et pluralité de la pulsion de mort. In J. Guillaumin et al. *L'invention de la pulsion de mort*. Paris: Dunod, 2000.
- Roussillon, R. (2008). *La réflexivité, le transitionnel et le sexuel*. Paris: Dunod, 2008.
- Roussillon, R. (2009). La destructivité et les formes complexes de la «survivance» de l'objet. *Revue Française de Psychanalyse*, 4, 1005-1022.
- Roussillon, R. (2010). La fonction symbolisant de l'objet. In *La naissance de l'objet*. Paris: PUF.
- Winnicott, D. (1969). L'usage de l'objet et le mode de relation à l'objet au travers des identifications. In *La crainte de l'effondrement et autres situations cliniques*. Paris: Gallimard, 2000.
- Winnicott, D. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 28/06/2017

Aprovado em 18/09/2017

Revisão técnica de **Vera Lúcia Nunes Pereira Lima**

**Luciane Falcão**

Av. Plínio Brasil Milano, 757/1204

90520-001 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: lufalcao@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA